

Controle de fatores sociais sobre usos de segmentações não-convencionais em textos de alunos do Ensino Fundamental II

Manoel Siqueira

Mestre em Estudos Linguísticos

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe

E-mail: manoel.siqueira77@hotmail.com

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5928-3450>

Mariana Lima da Silva

Graduada em Letras - Língua Portuguesa

Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, Alagoas

E-mail: mariana.mary18@hotmail.com

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 6

Número 1

Recebido em: 20/05/2020

Aprovado em: 04/01/2021

Resumo

Neste trabalho, correlacionamos segmentações não-convencionais – hipossegmentação e hipersegmentação – com fatores sociais, tais quais sexo, ano escolar e zona de residência, por meio de textos escritos por alunos dos 6º e 7º anos do Fundamental II. Embasamo-nos na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006; 2008), na qual há relação entre língua e sociedade, e como método o descritivo/inferencial, a partir do qual observamos se há associação entre as realizações das segmentações não-convencionais com os fatores sociais. Nos resultados, predomina a hipossegmentação (60% n= 18). Os fatores sociais não apresentam associação com a distribuição dos dados, sugerindo que o fenômeno está associado a fatores linguísticos.

Palavras-chave:

Segmentação; Ortografia; Escrita; Ensino.

1 Considerações preliminares

No início do processo de aprendizado da modalidade formal da língua, o estudante ainda não está habituado com as regras ortográficas de escrita: embora ele fale sua língua de forma competente – no sentido de possuir domínio da estrutura básica da língua para se comunicar –, na escrita, ainda não há domínio de todas as convenções ortográficas. Com isso, é comum que o estudante escreva baseado no modo como fala e procure, ao escrever, preencher as lacunas ortográficas por meio de seu conhecimento de língua. Nesse sentido, pelo fato de a letra **s** da palavra **casa**, por exemplo, ter sempre som de /z/, é comum o aluno escrever **caza**.

Outro processo ortográfico que pode ocorrer na fase de aquisição da escrita é o de segmentação não-convencional. A segmentação é o ato de dividir elementos da língua por partes. Uma palavra, por exemplo, pode ser segmentada em sílabas, em morfemas, em fones e fonemas; uma sentença, em sintagmas, e assim sucessivamente. No âmbito das palavras, do ponto de vista de sua estrutura, a segmentação não-convencional é a sua divisão de modo não condizente com as normas ortográficas, que pode ocorrer tanto por meio da hipossegmentação, como em (1), quanto pela hipersegmentação, como em (2):

(1) ‘midar’ para **me dar** (1mbiu)

(2) ‘des de’ para **desde** (2mbjr)¹

Em (1), há a junção do pronome oblíquo **me** com o verbo **dar**: a essa junção atribui-se o nome de hipossegmentação, quando há união de elementos que deveriam ser escritos separados. Em (2), há a separação da preposição **desde** em dois segmentos, uma hipersegmentação, que ocorre quando separamos em partes uma palavra que deveria ser escrita junta. Esses dois processos podem ocorrer na escrita e são comuns no decorrer de seu processo de aquisição.

Pesquisas que descrevem essas segmentações apontam que a não convencionalidade está ligada a fatores prosódicos e fonológicos (FIEL; TENANI, 2014; PEREIRA, 2011; TENANI; FIEL, 2016). Sendo a escola um ambiente no qual os estudantes são expostos à modalidade formal da língua e à convenção ortográfica, espera-se que, à medida em que avancem nos anos escolares, eles obtenham maior domínio quanto a essa convenção (BORTONI-RICARDO, 2012; LOPES, 2017).

Contudo, considerando que a comunidade na qual o indivíduo está inserido e a sociedade da qual ele faz parte são refletidas no uso que o indivíduo faz da

¹ Os exemplos são retirados de nosso *corpus*, explicado na seção de método. Os códigos apresentados após os exemplos referem-se aos seguintes dados: 1 ou 2, que representa a hipo e hipersegmentação, respectivamente; a letra m ou f, que representa os sexos masculino ou feminino; a ou b que diz respeito às séries 6º ou 7º ano; h, i, j, k, correspondem à idade, 11, 12, 13 ou +14; u ou r que representam a zona rural ou zona urbana.

linguagem (LABOV, 1972; 2006; 2008), é possível que essas segmentações ainda se mantenham na escrita como influência de fatores externos à língua.

Frente a isso, o presente trabalho tem como objetivo buscar correlação entre as realizações de segmentações não-convencionais em textos escritos de alunos dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II com fatores sociais. Para tal, questionamos se há associação da hipo e da hipersegmentação nos textos escritos de alunos dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental com os fatores sexo, ano escolar e zona de residência. Tomamos por hipótese a ideia de que há associação entre a distribuição observada dos dados e os fatores externos à língua.

Este texto organiza-se de modo que, na primeira seção, compreendamos o que são segmentações não-convencionais e que elas estão associadas a processos ao nível da língua, sendo resultado do emparelhamento entre escrita e oralidade; partindo para as seguintes seções, em que apresentamos nosso método, nossos dados e discorremos se há associação com processos e fatores sociais.

2 A hipossegmentação e a hipersegmentação

No processo de aquisição da escrita, é comum as crianças escreverem baseadas naquilo que ouvem, resultando em um emparelhamento entre os traços da fala na escrita. Segundo Bortoni-Ricardo (2006, p. 206), “a leitura e a escrita são parasitárias da fala e de que o desenvolvimento da consciência fonológica favorece a compreensão do princípio alfabético subjacente à ortografia do português e de muitas línguas”. Ao ouvir determinada forma linguística, a criança compreende que sua escrita deva acontecer da mesma forma como é ouvida/falada, resultando em desvios de convenção de escrita, os chamados erros ortográficos (CAPRISTANO, 2007).

Como um dos fenômenos que podem indiciar influências da língua falada na língua escrita, encontramos os de segmentações não-convencionais. Para Tenani (2009), a segmentação não-convencional de palavras diz respeito à presença ou à ausência, do ponto de vista das convenções ortográficas, do espaço em branco que define os limites da palavra escrita². Essa presença e/ou ausência pode ser resultante tanto das características da oralidade dos falantes, quanto do andamento inicial de seu processo de letramento (CAPRISTANO, 2007), ou, como nos diz Tenani (2009, p. 109), é resultante de “hipóteses conflitantes que os escreventes elaboram a partir de sua multifacetada relação com a linguagem fala e escrita”. Quanto mais imerso na cultura letrada e exposto a normas ortográficas o aprendiz estiver, mais essas hipóteses conflitantes deixam de ser manifestadas na escrita.

² Adotamos como conceito de palavra o viés morfológico, que “compreende palavras lexicais, como nome adjetivo e verbo, classes abertas, e palavras funcionais como preposição, conjunção e determinantes, classes fechadas” (BISOL, 2004, p. 59).

Trabalhos como os de Abaurre (1998) e Chacon (2004; 2005) separam as segmentações não-convencionais em dois tipos: a hipossegmentação e a hipersegmentação. A hipossegmentação ocorre quando, na escrita, há a união de (ou falta de espaço em branco entre) palavras que deveriam ser escritas separadas, como em **derrepente** para **de repente**, resultante do entendimento de que essas palavras estão ligadas. Para Moreira (1991), esse fenômeno consiste na ausência do espaço entre fronteiras vocabulares, resultando em construções como **minhamãe** para **minha mãe**.

A hipersegmentação, por sua vez, consiste na separação dessas palavras (a inserção de um espaço em branco), como em **em baixo** para **embaixo**. Como aponta Cagliari (2002), o fenômeno pode ser decorrente da acentuação tônica das palavras, como em **a gora** para **agora**, fazendo o estudante empreender que elementos como **a** representem palavras soltas, como um determinante definido, e não parte de uma palavra.

Estudos sobre o português têm observado essas segmentações em textos escritos. Tenani e Fiel (2016), por exemplo, estudam a hipersegmentação em textos de alunos do Ensino Fundamental. Para tanto, as autoras analisaram mais de 450 produções de 19 alunos, de 11 a 14 anos, ao longo dos anos escolares do Ensino Fundamental. A análise das autoras, de cunho fonológico, investigou sobre quais configurações prosódicas da palavra eram relevantes para explicar as segmentações.

Nesse estudo, foram encontradas 235 ocorrências de hipersegmentação, com uma grande taxa de realização para o uso de **por que** (provavelmente resultante da dificuldade em saber qual forma usar). Para as autoras, “a colocação não-convencional desses espaços segue uma tendência, pois, em sua maioria, esses espaços em branco delimitam estruturas prosódicas, como sílaba e pé métrico ou pé métrico e sílaba e, ainda, sequência de pés métricos” (TENANI; FIEL, 2016, p. 18).

Pereira (2011) analisa as ocorrências de hipossegmentação, hipersegmentação e hipohipersegmentação em textos espontâneos de crianças. Nos casos de hipossegmentação, a autora observa a junção do elo gramatical com o elo fonológico, sendo a sequência em que mais ocorre o fenômeno a junção entre o artigo e a palavra, como em **ocarro** para **o carro**, e a junção de um pronome clítico com um verbo, como em **mimpreste** para **me empreste**. Para a autora, “as ocorrências de segmentação analisadas corroboram a ideia de Ferreiro e Teberosky (1999), segundo a qual a criança é ativa no processo de aquisição da escrita e faz do texto, produzido de forma espontânea, um laboratório de experimentação para suas hipóteses” (PEREIRA, 2011, p. 286).

Nos casos de hipersegmentação, Pereira (2011, p. 11) pontua que

a criança pode ter descoberto que o artigo se escreve separado dos outros vocábulos e então generaliza esta descoberta para todas as palavras que começam por a ou o. Desse modo, podem ocorrer ocorrências como o viu (ouviu) e o lha (olha). Também podemos levantar a hipótese de que o artigo já deve estar interiorizado como uma palavra, pois logo cedo a criança aprende, através dos textos com os quais entra em contato, que a menina, a bola, a

casa, o menino, o gato, se escrevem separados. As ocorrências, a seguir, mostram essa hipótese: a trais (atrás), a inda (ainda), a sisto (assisto), a prede (aprender).

A autora traça essas ocorrências para determinar quais efeitos são relevantes no processo da realização de segmentações não-convencionais, utilizando para isso os textos espontâneos de crianças.

Peixoto (2011), em seu trabalho sobre hipo e hipersegmentação em textos de aquisição escrita, elencou as seguintes variáveis para sua pesquisa: tipo de palavra, tipo de escola, tipo de série e sexo. Em seus resultados, a autora obteve um total de 39 ocorrências das segmentações não-convencionais, sendo 15 de hipo e 24 de hiper, tendo como maior condicionador a variável sexo, em que há uma taxa de realização maior no sexo feminino, aparecendo em 83% dos textos escritos por meninas.

Os resultados das pesquisas citadas, como também as explicações teóricas sobre o fenômeno das segmentações não-convencionais, evidenciam que essas segmentações são resultantes, principalmente, de elementos fonológicos e prosódicos, ou seja, ao nível da língua. Como nos dizem Tenani e Fiel (2016, p. 2), “a análise dessas grafias não-convencionais [...] podem trazer evidências sobre, por exemplo, a pertinência de constituintes fonológicos”.

Contudo, como apresentamos em nossa Introdução, temos o objetivo de descrever se, à parte das evidências linguísticas, as segmentações não-convencionais possuem correlação com fatores sociais, conforme encontrado em Peixoto (2011). Isso porque compreendemos a língua como elemento social, compartilhado por membros de uma comunidade: as realizações da língua dependem dos contextos sociais, linguísticos e geográficos nos quais os indivíduos estão inseridos, visto que os valores linguísticos dependem deles (LABOV, 2006; 2008). Desse modo, o que é falado/escrito pelos indivíduos pode ser resultante tanto de elementos internos à língua, quanto de elementos externos a ela. Cientes dos elementos acima expostos, buscamos observar se há essa correlação em nossos dados, o que apresentamos nas seções seguintes.

3 Método

Para a realização da pesquisa, empregamos como método o descritivo/inferencial, por permitir observar se há associação entre os fatores. Além disso, utilizamos como base a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2006; 2008), levando em conta o postulado de que fatores sociais podem ter efeitos sobre usos da língua.

Para constituição do *corpus*, elaboramos uma atividade em sala de aula, em novembro de 2018, com turmas dos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, em uma escola pública da cidade de Água Branca, AL. Após a autorização das partes, foi

solicitada aos alunos a produção de um texto escrito livre, com no máximo trinta linhas, narrando uma história de suas vidas que envolvesse a participação de outras pessoas. O tipo de texto foi escolhido como forma de permitir que os alunos pudessem se sentir mais livres em sua escrita. No total, participaram 32 alunos, sendo 16 de cada turma, ainda estratificados segundo sexo (Quadro 1), para manter a ortogonalidade da amostra.

Quadro 1 – Estratificação da amostra

	Masculino	Feminino
6º ano	8	8
7º ano	8	8
Total	16	16

Fonte: elaborado pelos autores

Após a aplicação da atividade, recolhemos os 32 textos escritos. Decidimos, de forma preliminar, excluir da análise as realizações de **porquês**, visto ser variável e apresentar uma confusão em saber aplicar cada forma.

Os fatores utilizados para a descrição dos dados são: i) ano escolar, por entendermos que existe associação entre a escolarização e a aquisição da norma ortográfica padrão (BORTONI-RICARDO, 2004; LABOV, 1972; LOPES, 2017); e ii) sexo, por entendermos que pode haver diferença nos usos linguísticos decorrentes do sexo do falante. Utilizamos também o fator não estratificado zona de residência (zona rural ou zona urbana), visto que as turmas eram compostas por alunos tanto da própria cidade quanto de zonas rurais.

Como usamos o método descritivo/inferencial, trabalhamos com duas hipóteses para descrever se há associação entre os fatores e a variável dependente: a hipótese nula (H_0), em que não há associação, ou seja, a distribuição dos dados obtidos é igual a distribuição dos dados esperados – efeito do acaso; e a hipótese alternante (H_1), em que há associação, quando a distribuição observada é diferente da distribuição esperada. Para observarmos se há associação, aplicamos o teste exato de Fisher, por ter como objetivo testar se a variável da linha e a variável da coluna são independentes ou associadas. Atribuímos como valor para aceitarmos a associação o $p < 0.05$. Se o p-valor fosse maior ou igual que o atribuído, não haveria associação.

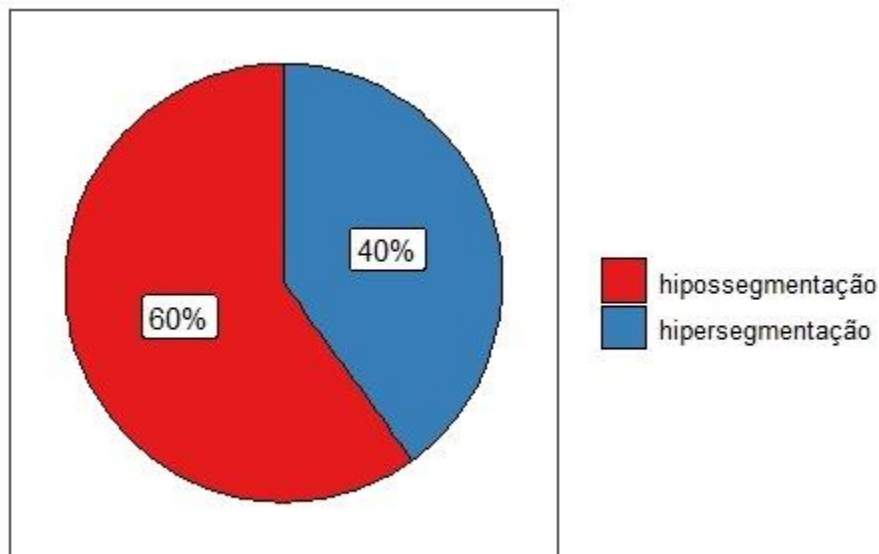
Os gráficos apresentados nos resultados foram feitos por meio do pacote **ggstatsplot** (PATIL; POWELL, 2018) no programa computacional **R** (R CORE TEAM, 2018), mais precisamente na *interface* **RStudio**. Na seção seguinte, apresentamos nossos resultados.

4 Resultados

Após a inspeção dos 32 textos, obtivemos um total de 30 realizações de segmentos não-convencionais. Dentre essas ocorrências, 18 (60%) são hipossegmentação, como em (3), e 12 (40%) são hipersegmentação, como em (4), como pode ser observado no Gráfico 1:

- (3) 'umtime' para um time (1mbiu)
- (4) 'a conselho' para aconselho (2mbjr)

Gráfico 1 - Percentuais de hipossegmentação e hipersegmentação



Fonte: elaborado pelos autores

Em nossos dados, predomina a hipossegmentação, quando os alunos escrevem juntos elementos que deveriam ser escritos separados, com 60% (n= 18) da distribuição. Os alunos escrevem com segmentações não-convencionais por estarem passando pelo processo de aquisição da escrita e não conhecerem todas as regras da convenção ortográfica (CAPRISTANO, 2007). Em outras palavras, os estudantes estão, na parte escrita, omitindo, retirando ou, por simples convenção de uso, não colocando o espaçamento entre palavras.

Para cumprir nosso objetivo inicial, correlacionamos fatores sociais com a distribuição das segmentações não-convencionais, conforme apresentamos nas seções que seguem.

4.1 Sexo

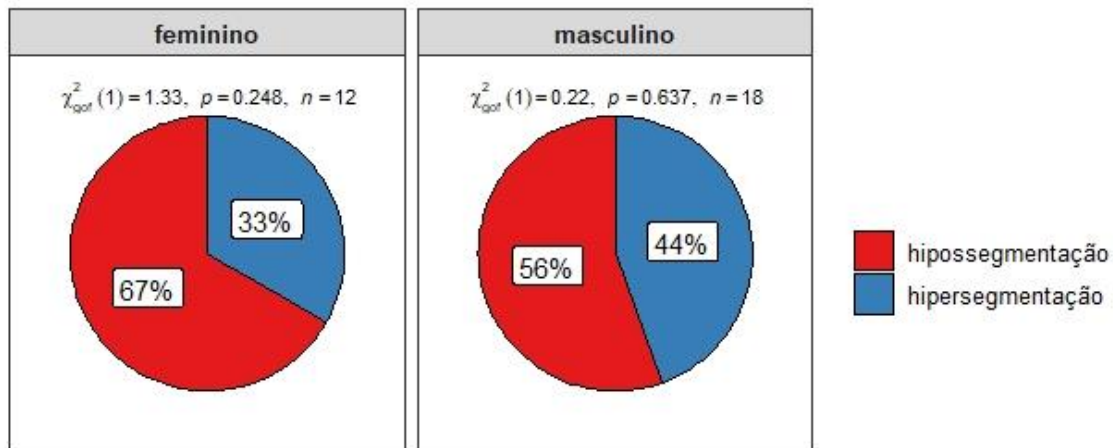
Segundo Labov (2008, p. 348), “a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo da evolução linguística”. O autor evidencia isso ao evidenciar que as mulheres tendem a ser mais conservadores diante

de uma variante estigmatizada, enquanto os homens tendem a ser mais inovadores. Tal fato se inverte quando a variante não é estigmatizada: as mulheres tendem a ser mais inovadoras; os homens mais conservadores³. Lopes (2017), por sua vez, pontua que as mulheres têm se evidenciado como mais sensíveis à escolarização: isso reflete diretamente no aproveitamento do conteúdo por parte das meninas, que tendem a assimilar mais, o que pode influenciar nos usos de segmentações não-convencionais.

Os estudantes do sexo masculino fazem maior uso de segmentações não-convencionais (n= 18/60%) do que os estudantes do sexo feminino (n= 12/40%). São os homens que erram mais do ponto de vista ortográfico, sinalizando o que foi apontado por Lopes (2017), de que as mulheres são mais sensíveis à escolarização e, com isso, escrevem com menos erros ortográficos.

Observando os dados de cada tipo de segmentação não-convencional com base no sexo do estudante, temos a seguinte distribuição:

Gráfico 2 – Distribuição dos segmentos não-convencionais por sexo



Fonte: elaborado pelos autores

Os estudantes do sexo masculino foram os que mais realizaram a hipersegmentação (n= 8/44%), com predomínio da hipossegmentação (n= 10/56%). A frequência para o sexo feminino também é maior na hipossegmentação (n= 8/67%) do que na hipersegmentação (n= 3/33%).

Realizando o teste exato de Fisher, vemos que entre sexo e as segmentações não-convencionais a associação não é significativa (tau = 1.58, D, p = 0.709). Mesmo havendo diferenciação, o fator sexo não possui efeito sobre a distribuição das segmentações não-convencionais, o que rejeita a hipótese alternante (H₁), na medida

³ Consideramos, contudo, as recentes discussões em relação à visão de sexo como fator biológico e a ampliação do enfoque no gênero e nos papéis dos gêneros na sociedade (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 2010; FREITAG, 2015). Diferentemente do que foi dito por Labov (2008) na década de 70, atualmente os papéis sociais que os diferentes sexos/gêneros desempenham em sociedade são mais amplos, e não limitados, como era à época do que foi dito pelo teórico. Como não tínhamos um protocolo de coleta que abarcasse o gênero do aluno, mantivemos apenas sexo enquanto fator biológico, inserido como forma de observar se há ou não associação.

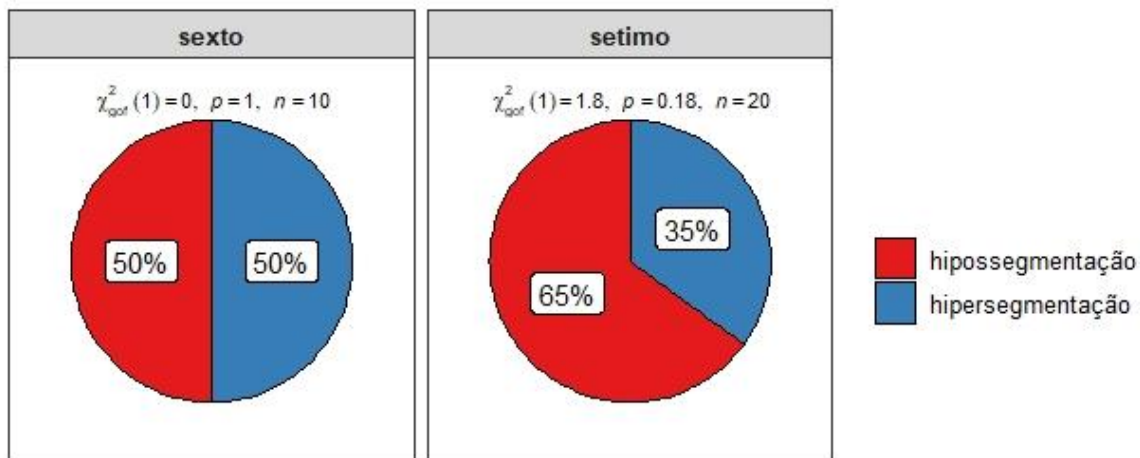
em que se confirma a hipótese nula (H_0), na qual não há interação entre os fatores. Desse modo, o primeiro fator social que controlamos com a distribuição das segmentações convencionais não apresentou correlação com a distribuição dos dados. Passemos para o segundo.

4.2 Ano escolar

Como tratado na descrição do *corpus*, delimitamos o ano escolar como fator de estratificação. Tendo em vista que são séries bastante próximas (6° e 7° anos), compreendemos que, embora haja um avanço no desenvolvimento da escrita dos alunos, o fenômeno pode ainda estar ocorrendo de forma indiscriminada entre essas séries, já que o avanço não é tão significativo no grau de letramento.

O predomínio de segmentos não-convencionais ocorre no sétimo ano escolar ($n= 20/65\%$), enquanto no sexto ano escolar há metade dos números ($n= 10/35\%$). Os alunos que se encontram em séries mais avançadas, nas quais, supondo o funcionamento do ensino, deveriam ter maior domínio do padrão ortográfico, indicaram maior realização do fenômeno, enquanto os alunos recém ingressos no ensino fundamental II apresentaram números menores. Os resultados individuais são apresentados abaixo (Gráfico 3):

Gráfico 3 - Segmentações não-convencionais por ano escolar



Fonte: elaborado pelos autores

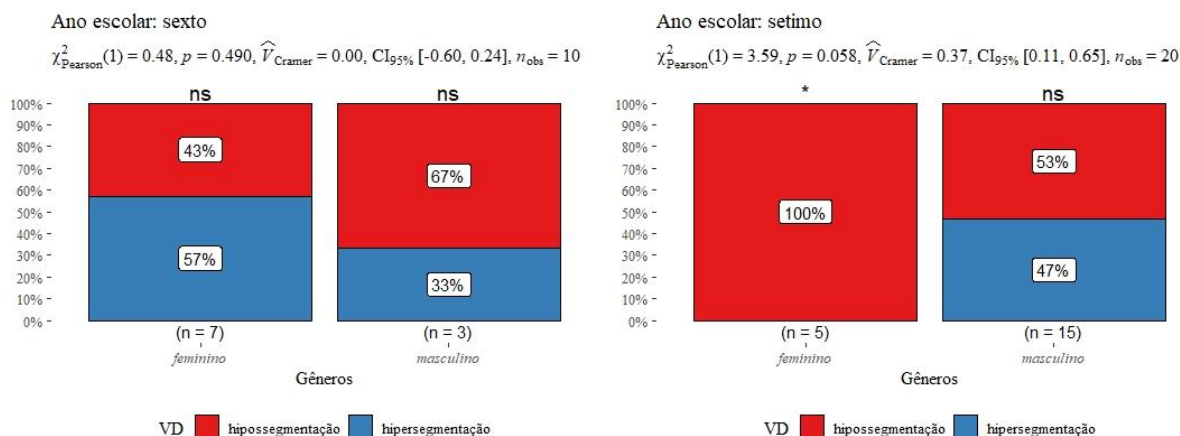
Quanto à cada segmentação não-convencional, o sexto ano escolar apresenta distribuição igual para a hipo e hipersegmentação ($n= 5/50\%$, em cada). Já no sétimo ano escolar, há predomínio da hipossegmentação ($n= 13/65\%$). Esses dados nos levam a hipotetizar que o fenômeno estudado é sensível ao fator ano escolar. Todavia, do ponto de vista estatístico, realizando o teste exato de Fisher, vemos que a distribuição dos dados não é estatisticamente significativa ($\text{tau} = 1.58, D, p = 0.709$). Não há associação entre o ano escolar e a distribuição geral dos dados na amostra analisada, o que confirma a H_0 . Mesmo que haja diferenciação na distribuição das

frequências observadas, os fatores não estão associados; não há efeito do ano escolar sobre a distribuição dos dados.

Com isso, o segundo fator que buscamos correlacionar, procurando associação, com a distribuição das convenções sociais também não apresenta efeito, não é estatisticamente significativo.

Como forma apenas descritiva, cruzamos sexo com ano escolar (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Cruzamento entre sexo e ano escolar



Fonte: elaborado pelos autores

No sexto ano escolar, são os estudantes do sexo feminino que mais usam segmentações não-convencionais (n= 7/70%), sendo 57% (n= 4) para a hipersegmentação e 43% (n= 3) para a hipossegmentação. Nos estudantes do sexo masculino, há 67% (n= 2) para a hipossegmentação e 33% (n= 1) para a hipersegmentação.

No sétimo ano escolar, são os estudantes do sexo masculino que fazem maior uso de segmentos não-convencionais (n= 15/66%). Nos dados, estudantes do sexo feminino fazem uso categórico da hipossegmentação (n= 5/100%), enquanto, os do sexo masculino têm 53% (n= 8) para a hipossegmentação e 47% (n= 7) para a hipersegmentação. Com isso, enquanto no sexto ano escolar são os estudantes do sexo feminino que mais segmentam fora do padrão ortográfico, no sétimo ano escolar são os estudantes do sexo masculino, o que nos leva a hipotetizar que, com o avanço do ano, as meninas tornam-se mais conscientes das regras ortográficas da língua.

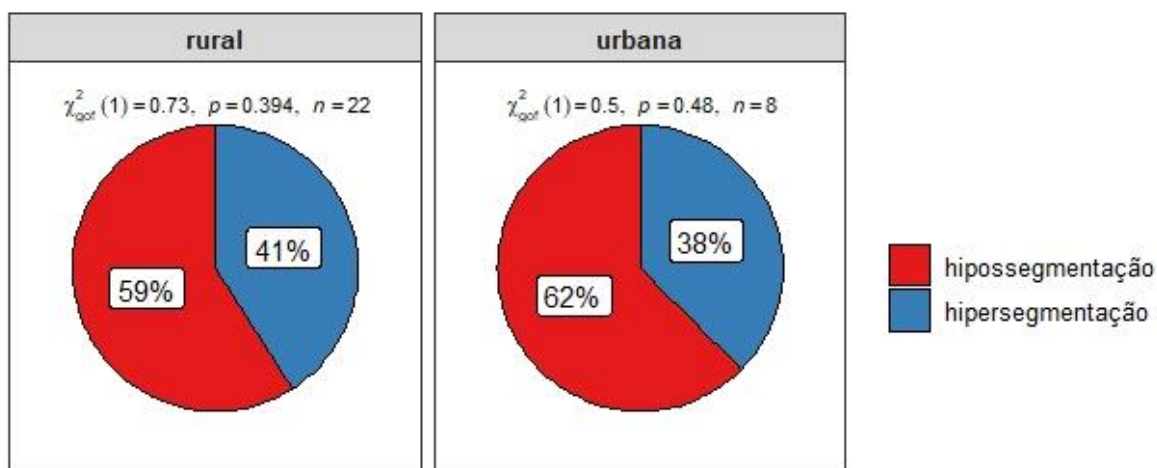
4.3 Zona de residência

O último fator é o não estratificado zona de residência. Bortoni-Ricardo (2004), em suas pesquisas sobre os contínuos existentes na organização do falar brasileiro, constatou que o fator geográfico influencia de forma direta o uso de determinadas variáveis da língua. Segundo a autora,

se tomarmos o contínuo de urbanização como uma metodologia para análise, podemos situar qualquer falante do português brasileiro em um determinado ponto desse contínuo, levando em conta a região onde ele nasceu e vive (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52).

Compreendendo que existem diferentes pontos geográficos de organização social, entendemos que isso interfere no uso de determinadas variantes. Como zona de residência, dividimos os dados de nossa pesquisa entre zona rural e zona urbana. O predomínio de segmentações não-convencionais ocorre com estudantes da zona rural ($n= 22/73\%$). Alunos que moram em povoados e comunidades externas ao centro urbano tendem a escrever com erros segmentais. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), “quando interagimos com brasileiros nascidos e criados na região rural ou urbana do contínuo de urbanização, observamos muitos usos linguísticos diferentes dos nossos” (p. 53), isso pode justificar o alto percentual de realização das segmentações não-convencionais na zona rural.

Gráfico 5 - Segmentos não-convencionais com fator zona de residência



Fonte: elaborado pelos autores

Quanto à cada tipo de segmento, observamos a predominância no uso da hipossegmentação em ambas as zonas. Na zona urbana, há 62% ($n= 5$) para a hipossegmentação, enquanto há 38% ($n= 3$) para a hiper. Na zona rural, há 59% ($n= 13$) para a hipossegmentação, enquanto há 41% ($n= 9$) para a hiper.

Aplicando o teste exato de Fisher, vemos que entre zona de residência e a distribuição dos segmentos-convencionais a associação não é significativa e muito larga ($\text{tau} = 1.15$, D, $p = 1.000$), o que confirma a H_0 , pontuando que não há efeito, do ponto de vista estatístico, da zona de residência sobre a escrita de segmentações não-convencionais. Assim, o terceiro fator descrito também não evidenciou associação.

5. Apontamentos finais

Os resultados demonstram que há predominância da hipossegmentação nos dados observados, com percentual de 60% (n= 18). A análise do fenômeno das segmentações não-convencionais demonstrou que há uma certa distinção na distribuição quanto aos fatores sociais, a saber: i) os maiores números para os segmentos não-convencionais encontram-se no sexo masculino, com 60% (n= 18); ii) nos alunos do sétimo ano, com 66 % (n= 20); iii) em textos de alunos da zona rural, com 73% (n= 22).

Contudo, o teste de exato de Fisher evidenciou que os fatores sociais não possuem associação com a distribuição dos segmentos não-convencionais observados, o que refuta nossa hipótese inicial, a de que haveria associação entre os usos de segmentos não-convencionais e os fatores sociais, sugerindo que o fenômeno pode, de fato, ser resultado de fatores de natureza linguística, como apontam Tenani e Fiel (2016). Uma outra sugestão seria relativa à quantidade de dados. A baixa ocorrência do fenômeno pode não ter distribuição suficiente para ser associada a fatores sociais.

De todo modo, a pesquisa serviu como base para compreendermos como vem acontecendo o processo de segmentações não-convencionais na escrita de jovens do ensino público de Água Branca, AL. O estudo funciona como um pontapé para um aprofundamento no assunto, levando em conta a captação de um *corpus* com mais indivíduos, abrangendo um maior nível de séries, que pode resultar em novos apontamentos para os estudos sobre segmentação do português escrito.

Referências

- ABAURRE, M. B. M. Posfácio: a aquisição da escrita do português – considerações sobre diferentes perspectivas de análise. In: ROJO, R. (org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Mercado das Letras, 1998, p. 205-232.
- BISOL, L. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. *Delta*, São Paulo, v. 20, n.esp., p. 59-70, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Métodos de alfabetização e consciência fonológica: o tratamento de regras de variação e mudança. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, p. 201-220, 1º sem. 2006.
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e ortografia. *Educar em Revista*, n. 20, p. 35-42, 2002.
- CAPRISTANO, C. C. *Segmentação na escrita infantil*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CHACON, L. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não convencionais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 223-232, 2004.
- CHACON, L. Hipersegmentação na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e letramento. *Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 34, p. 77-86, 2005.
- ECKERT, P.; MCCONNEL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, Ana Cristina; FONTANA, Beatriz (orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, p. 93-108, 2010.
- FIEL, R. P.; TENANI, L. E. Hipersegmentação de palavras escritas no ensino fundamental: tendências gerais. *Mosaico*, v. 13, n. 12, p. 219-234, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122767>. Acessado em 29/03/2020.
- FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo sexo/gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine Gorski (Orgs.). *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, p. 17-74, 2015.
- LABOV, W. *Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular*. University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York city*. Cambridge University Press, 2006.
- LOPES, N. S. Qual o efeito da escola no português de Salvador?. In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. J. M. *Estudos sobre o Português do Nordeste: língua, lugar e sociedade*. São Paulo: Blucher, 2017, p. 73-82.
- MOREIRA, N. C. R. *O nome próprio na aquisição da escrita: construção da nasal pré-consonantal*. Tese de Doutorado em Letras. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.

PATIL, I.; POWELL, C. *GGSTATSPLOT: “ggplot2”, Based Plots with Statistical Details*, 2018.

PEIXOTO, S. P. L. A hipo e a hipersegmentação reveladas nos textos de aquisição da escrita: um estudo sociolinguístico. In: COSTA, J. S; VITÓRIO, E. G. S. L. A. *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 107-119.

PEREIRA, T. M. A. A segmentação no processo de aquisição da linguagem escrita. *Veredas online – Matemática*, PPG Linguística/UFJF – Juiz De Fora, 2011, p. 273-288.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2018. Disponível em: <<https://www.r-project.org/>>. Acessado em: 18 jan. 2020.

TENANI, L. A segmentação não-convencional de palavras: evidências de representações de relações entre enunciados falados e escritos. *Anais do II SIMELP: língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, 2009, p. 107-127.

TENANI, L.; FIEL, R. P. Hipersegmentação de palavras em textos do EFII: características prosódicas gerais. *Revista Linguagem*, v. 26, n. 2, p. 1-22, 2016.

The control of social factor upon the use of unconventional segmentations in texts of elementary school

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 6

Number 1

Received in: 20/05/2020

Approved in: 04/01/2021

Abstract:

In this paper, we correlate non-conventional segmentations - hyposegmentation and hypersegmentation - with social factors, such as sex/gender, grade level and area of residence, in texts written by elementary school students. We are based on Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2006; 2008), in which there is a correlation between language and society, and as a descriptive/inferential method, in which we infer whether there is an association between the achievements of non-conventional segmentations with social factors. In the results, hyposegmentation predominates (60% n = 18). Social factors are not associated with data distribution, suggesting that the phenomenon is associated with linguistic factors instead.

Keyword:

Segmentation; Orthography; Writing; Teaching.